

LA 217
Leandro Gomes de Barros

Discussão do autor com
uma velha de Sergipe



O autor reserva o direito de propriedade



Discussão do autor com uma velha de Sergipe

Eu ainda estava orelhudo
Com esses versos que faço
Porque nunca achei poeta
Que me fizesse embaraço
Porém uma velha agora
Quase me quebra o cachaço.

A velha fez me subir
Onde nem urubú vai
Andei n'uma dependura
Ja estava cai ou não cai,
Ainda chamei tio a gato
Tratei cachorro por pae.

Quando partio foi babando
O queixo vinha tremendo
Antes de dar boa noite
De longe foi me dizendo,
Meu amigo eu venho mettê-lo
Entre um quente e dois fervendo.

Eu sei que o Snr. é duro
Eu cá sou da mansidão,
Porém se pode salvar-se
Se eu lhe der a certidão

Pois o boi na terra alheia
Até as vacas lhe dão.

Eu andava nos meus negocios
No estado de Sergipe
Uma noite me hospedei
Em casa de um tal Felippe
A onde havia uma velha
Da serra do Araripe.

Disse-me o dono da casa
Eu aqui tenho um colosso
Uma poétiza velha
Que dá em um poeta moço
Quem faz verso n'esta terra
Está hoje comendo grosso.

Eu disse: Snr. Felippe
Garanto a vossa mercê
Que nesté planeta terra
Não ha mulher que me dê
O velho olhou para mim
E perguntou-me porque?

Eu disse: digo-lhe já
Moleque não me dá vaia
Parola não me intimida
Nem pabulagens me ensaia
E nas unhas desse velho
Não ha duro que não caia.

Disse o velho: Snr. Barros
A velha é prova de fogo
Discute com qualquer um
E não precisa de rogo
Eu disse traga ella cá
A bocca é quem faz o jogo.

O velho Felippe disse;
Venha cá D.^a manhosa
Se apromte para vir
A questão mais perigosa
A velha de la soltou
Uma risada gostosa

A velha disse, já vou;
E com pouco mais sahiu
Então chegando na sala
Torceu a cara e cuspiu
Sentou-se n'um banco velho
Tomou tabaco e tossiu.

Eu quando vi a marmota
Alta, secca, e carrancuda
Tirar-me uns olhos cinzentos
Se conversando sizuda
Eu disse com meus botões
Não ha santo que me acuda.

Então perguntou ali
Felippe para que me quer?

Chamou-me com tal veixa .e
 Que nem apromtei-me se quer
 Para mostrar-lhe o escriptor
 Do peso de uma mulher.

A velha cravou-me a vista
 E fez um calcarejado
 Olhou-me de baixo acima
 Botou os quartos de um lado
 Rosnou e partiu a mim
 De chapéu de sol armado.

Chegou e disse senhor Barros
 Eu desejava encontral-o
 Porque pelos seus escriptos
 Não deixo senssural-o
 Só quem não tem consciencia
 Deixará de critical-o.

• Eu disse minha senhora
 São os revezes da sorte
 O Genio tem dois destinos,
 E' um fraco e outro forte
 Um blasfemam contra a vida
 Outros applaudem a morte.

Perguntou ella porque
 Falla o senhor de Mulher?
 Não aprendeu desculpar

As faltas que uma tiver?
 Nem a sua propria mãe
 Você não tira se quer.

Responði minha senhora
 Isto não quer dizer nada
 Eu não fallo sobre a honra
 De uma donzella ou casada
 Digo apenas a mulher
 E' uma carga pezada.

Ella suspirou disse
 Fiquei certa meu amigo
 Que para qualquer mulher
 Casamento é um perigo
 Casar-se com certos homens
 Não dar-se maior castigo.

Eu disse a ella collega
 Você pode calcular
 Uma mulher fica em casa
 O homem vae trabalhar
 Com o suor de seu rosto
 Ganha para ella estragar.

A velha disse não há
 Marido sem máo costume
 Quando não é cachaceiro
 E' vadiô e tem ciume

Nestas condições assim
Não há mulher que se arrume.

Eu disse minha senhora
O homem é um innocente
Trabalha para familia
Até morrer ou ficar doente
Ella que fica em casa
Estraga damnadamente.

Sahe logo de madrugada
Vai ao campo trabalhar
A mulher fica deitada
Sem nada a emcommodar
De nove para dez horas
E' que vem se levantar.

A velha diz isto assim
E cousa que não convem
Quem trabalhar o dia inteiro
Há de descansar tambem
A mulher não é de ferro
Nem escrava de ninguem.

A senhora fique certa
O que digo é com razão
A mulher geme sem dor
E gasta sem precisão
Casamento para o homem
E' ascarosa prisão.

Disse a velha, meu senhor
Não a marido que sirva
Por melhor que a mulher seja
Trabalhadora e activa
Elle traz a vista nella
E capaz de a comer viva.

E disse minha senhora
Marido nenhum faz isto
Sacrificar-se por ella
Isto é caso claro e visto
Ella diz com seus botões
Carrega o madeiro, Christo.

Disse a velha; vossa mercê
Não parece ser casado
Se achou mulher que cahisse
Eu lamento seu estado
Como tambem me parece
Que o senhor foi engeitado.

Eu ahi pensei um pouco
E disse com meus botões
Esta cobra velha tem
Miseraveis expressões
Agora me deu o titulo
De filho de dez tostões.

Disse a velha; porque acha
Pesado assim a mulher

E diz que é um animal
Que n'elle não á myster
Só por ella pedir
O que em casa não tiver?

Levanta que a mulher pede
Verdura fructa e toucinho
Banha massa de tomate
Alho pimenta cuminho
Se não pedir ao marido
Ha de pedir ao vizinho?

O senhor diz que a mulher
De todas formas atrasa
Porque o pires quebrou-se
O bule largou a asa
A chaleira está velha
No fogo fura-se e vasa.

“Não querendo essa despesa
Procure um geito qualquer
Faça de uma cuia um prato
E de um espeto talher
Deixe de comprar fazenda
Viva nú com a mulher

Eu disse dentro de mim
Ou que serpente assanhada
Qual seria o cascavel

Quem pariu esta damnada
Fiz logo signal da cruz
Disse; votes excommungada

“Lhe disse, a senhora sabe
Que a mulher é uma cruz
E soffri mais do que Christo
O marido que a conduz
E' um cego no deserto
Vaga sem guia e sem luz.

Disse ella ; e a mulher
A que ponto vem chegar ?
Haverá maior sentença
Do que uma se casar ?
Só ella pensa no genro
Que a mãe tem que supportar

Eu disse ; minha senhora
Ainda não ouvi dizer
Que um genro neste mundo
Fizesse a sogra soffrer
Só esse nome de sogra
Faz elle todo tremer

A velha disse, o Snr.
E muito livre em fallar
Põe defeito em quem creou
Uma filha para lhe dar

Você agradece tanto
Que paga em a maltratar

O Snr. chora a despeza
Que com a familia tem
Para que foi se casar?
Não obrigou ninguem
A mulher está na razão
De fazer queixa tambem

Elle vae para o trabalho
Volta a hora que quizer
Deixando com que em casa
Pode ordenar a mulher
E escolher da cozinha
A comida que quizer

Vem cansado chega em casa
Deita-se e vae desconçer
Ella vae para cosinha
Fazer almoço ou jantar
Depois da meza está posta
A mulher vai o chamar

Acorda-o com muito geito
Trata-o com muito carinho
Diz o jantar está prompto
Vamos jantar meu negrinho
Eu esperei por você
Você não janta sosinho.

Me diga agora senhor
O que quer que a mulher faça
Alem de criar familia
Supportar mais a desgraça
Ter um marido vadio
Que jogue e beba cachaça

Quando é no fim da semana
Vai o homem fazer feira
Gasta o dinheiro das compras
No jogo e na bebedeira
A mulher passando em casa
Com fome a semana inteira.

Porque elle não traz nada
A pobre infeliz não come
Se os paes não morassem perto
Ella tem de passar fome
Pois o marido lhe trouxe
Cachaça empurrão e nome.

Eu pergunto-lhe a Sra.
Teve em algum tempo marido
Teve 4 disse ella
Cada qual mais atrevido
Ainda dou graças a Deus
Elles ja terem morrido

Eu disse minha senhora
Eu quero lhe confessar.

Infeliz de um destes 4
Que chegasse a escapar
Os soffrimentos de todos
Qualquer pode calcular

Ella disse sim senhor
No brando o Snr. se estende
Não venha com pannos mornos
A' onde tem quem entende
Quem por si julgar a mim
Já ve que assim não me offende

Eu não fui tão mal casada
Como o Snr está pensando
Tive poucas desavenças
Sempre estava tolerando
Tive muita paciencia
Meu genio sempre foi brando

Mais meu primeiro marido
Fez-me de mais esta assim
Para cusar-se com outra
Penetrava a me da fim
O segundo envenenou-me
E não era o mais ruim.

O terceiro desgostou
Por eu não ser muito alva
Dizia sempre por fora

Que eu o envergonhava
Sabe o que fez uma vez?
Quiz me vender como escrava

O quarto era homem serio
Dizia ser bom marido
Este só faltou fazer-me
Beber chumbo derritido
Roubou-me para jogar
Sapatos chale e vestido.

E assim mesmo o Senr.
Só se refere a mulher
Contar as faltas do homem
Isto o Senr não quer lingua
Eu tenho lembrança
Digo tudo que um tiver.

Eu disse ; vossa mercê
E' uma fera no campo
Bafejo de sua bocca
Onde bater tira o tampo
Seu pensamento é o colera
E sua lingua sarampo.

Disse a velha ; sim senhor
Você gosta de ferir
Agrava a quem não lhe offende
E pode até lhe servir

E desses que quer dizer
Porém não gosta de ouvir

Então eu lhe perguntei
Ja acabou de fallar?

Não; principiei agora
Inda tenho o que contar
Eu sou velha neste mundo
Não ando por ver andar.

Eu disse; tambem sou velho.
Sou corrido e traquejado
Eu tenho visto as mizerias
Que no mundo tem se dado
E milhares de mulheres
As manhas tem me ensinado

Uma mocinha solteira
Danna-se p'ra namorar
Com misuras e carinho
Faz o homem se levar
Para illudil-o, chora
E sorrir para o matar

Mulher é o objecto
A quem eu quero mais bem
Não ha quem conte as maldades
Que a mulher comsigo tem
Todos acreditam n'ella
Ella não crê em ninguem

Então a velha me disse
O homem é maliciozo
Entre os homens verdadeiro
Tira-se o mais mentiroso
Cheio de sufisimações
Impuro e pecaminozo.

Quando a velha se calou
Que deu-se fim a contenda
Eu disse só no inferno
Se achará dessa fazenda
Foi o' diabo sem duvida
Que mandou-me esta encomenda

Eu inda não tinha achado
Quem fizesse eu me calar
Mas a damnada da velha
Fez até eu me engasgar
Botou-me em cantos tão feio
Que eu não julguei mais voltar

Quando foi no outro dia
Arrumei-me e fui embora
Com medo que a tal serpente
Não tornasse a vir cá fora
Jurei não voltar mais
Onde tal diabo móra.

